

A organização seqüencial em depoimentos do *orkut*

Carla Edila Santos da Rosa Silveira¹

¹Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Federal do Paraná (UFPR)

carlaedila@hotmail.com

Resumo. *Propomos um estudo da organização seqüencial em depoimentos do Orkut segundo a concepção de Adam (1993) sobre as seqüências textuais - unidades constituintes do texto e compostas por um conjunto de macroproposições distribuídas em relação hierárquica. Com esta proposta, visamos observar as seqüências descritivas, suas relações com as demais seqüências e os casos em que a descrição apresenta uso anafórico de SN indefinido. A ocorrência desses três aspectos pode ser associada à prática de descrição avaliativa do objeto de discurso que passa por recategorização constante, assim como o desenvolvimento de uma temática inclinada para a projeção de imagem positiva do outro.*

Abstract. *We propose a study of the sequential organisation in Orkut testimonials according to Adam's (1993) conception about textual sequences - the constituent units of the text and they are composed of a set of macropropositions distributed in hierarchical relationship. With this proposal, we aim to observe the descriptive sequences, its relations with other sequences and the cases in which the description presents anaphoric use of indefinite SN. The occurrence of these three aspects can be associated with the practice of evaluative description of the object of discourse that passes for constant recategorization, as well as the development of thematic inclined to the projection of positive image of the other.*

Palavras-chave: gênero textual; depoimento; seqüências textuais

1. Introdução

Em análises prévias (SILVEIRA, 2008a, 2008b), caracterizamos o comportamento do gênero depoimento produzido e publicado no site de relacionamentos *orkut*¹ sob a perspectiva de Bakhtin (1997). Em resultados iniciais da investigação, observamos nos **depoimentos do *orkut*** um comportamento singularizado pelo uso de escrita hipertextual (reiteração de pontuação e letras, escrita com letras minúsculas, abreviações) e certo hibridismo visto em marcas de oralidade deixadas no texto escrito, tais como vocativos, dêiticos pessoais e marcadores discursivos. A presença desses traços era esperada por se

¹Optamos por definir o site *orkut*, lançado em janeiro de 2004 pela empresa americana *Google*, como software de suporte dos depoimentos que analisamos segundo Recuero (2004) e Marcuschi (2005). Para aquela, o *orkut* é um software e consiste em “uma espécie de conjunto de perfis de pessoas e suas comunidades” que foi “desenvolvido com base na idéia de ‘software social’”. Para este último, as páginas eletrônicas são suporte ou “locus virtual” de gêneros digitais, i. é, superfícies concretas tal qual a do *orkut* que sustenta gêneros como mensagens, comentários, recados, enquetes etc.

tratar de gênero que emergiu no contexto de comunicação mediada por computador (CMC). Na estrutura composicional, verificamos uma disposição em seqüências textuais (ADAM, 1992, 1993), em que somente não apareceu a seqüência dialogal. Outra particularidade do gênero parece ser o uso recorrente de SN indefinido anafórico, que, segundo Lima (2003), tem a finalidade de recategorizar um referente de natureza existencial no discurso. Quanto ao conteúdo temático, ocorre a projeção de imagem positiva do outro (o enunciatário) por meio de estratégia referencial que, a princípio, descarta manifestações depreciativas sobre o objeto-de-discurso (MONDADA & DUBOIS, 2003). Disso decorre nosso interesse em focar a organização seqüencial que embasa a constituição do gênero depoimento do *orkut*.

2. Perspectivas teórico-metodológicas

Partimos da concepção de linguagem enquanto **atividade constitutiva**, pela qual “não há nada de imanente na linguagem, salvo sua força criadora e constitutiva, embora certos ‘cortes’ metodológicos e restrições possam mostrar um quadro estável e constituído”(FRANCHI, 2002: 64-65). Com Bakhtin (*op. cit.*), assumimos os gêneros textuais como **enunciados relativamente estáveis**, constituídos dialogicamente em um contexto sócio-histórico. Portanto, esta reflexão contempla o conteúdo temático, as escolhas lingüísticas e o processo de construção textual da situação particular de produção de depoimentos escritos no site *orkut* cujo propósito comunicativo é declarar algo sobre alguém de sua rede de relações.

Para Adam (1992, 1993), a **seqüência textual** é a unidade estrutural de base que constitui o texto e é constituída por pacotes de proposições (macro-proposições), por sua vez, constituídas de n proposições. Segundo a hipótese de Adam (1992: 30):

Os “tipos relativamente estáveis de enunciados” e as regularidades composicionais de que fala Bakhtin estão na base, de fato, de regularidades seqüenciais. As seqüências elementares parecem se reduzir a quaisquer tipos elementares de articulação de proposições. No estado atual da reflexão, parece-me necessário reter as seqüências prototípicas seguintes: *narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa e dialogal*²

Nesse ponto, cabe lembrar que o autor desenvolve o conceito de esquema prototípico considerando um componente cognitivo na produção e compreensão de textos. Dentre outros fundamentos, adota os conceitos de superestruturas de Van Dijk e protótipos de Eleanor Rosch, opções epistemológicas que conferem certa restrição à sua teoria porque, por exemplo, na concepção de Bonini (2005: 232): “não fica clara a fronteira entre o que é externo à mente (fenômeno social) e o que é interno (fenômeno cognitivo)”.

² Cf. texto original: “Les “types relativement stables d’énoncés” et les régularités compositionnelles dont parle Bakhtine sont à la base, en fait, des régularités séquentielles. Les séquences élémentaires semblent se réduire à quelques types élémentaires d’articulation des propositions. Dans l’état actuel de la réflexion, il me paraît nécessaire de retenir les séquences prototypiques suivantes: *narrative, descriptive, argumentative, explicative et dialogale.*”

As seqüências prototípicas³ figuram em rede relacional hierárquica, podendo existir uma seqüência dominante (a encaixante que abre e fecha o texto ou a sintetizadora textual) ou em autonomia relativa, sob organização interna de dependência/independência com o conjunto que integram. Adam propõe o exame da composição heterogênea da textualidade em dois planos de organização⁴: **configuração pragmática** e **sucessão de proposições**, o plano para o qual nos direcionamos.

É ao nível da conectividade que associamos a estratégia de referenciação com SN indefinido anafórico. Em termos de referenciação, a noção balizadora é a de processo cooperativo de construção e reconstrução de objetos-de-discurso que não estão restritos a uma realidade objetiva, conforme Mondada & Dubois (2003: 35): “objetos cuja existência é estabelecida discursivamente, emergindo de práticas simbólicas e intersubjetivas”. Através de Lima (2003, 2004), percebemos a seleção de indefinidos anafóricos como conexão expressa por relação meronímica (relação parte-todo em que o anafórico remete ao antecedente, sem retomada) em casos de anáforas partitivas, associativas e especificadoras, assim como por tematização-remática ou identificação de tipo com retomada por recategorização realizada com apostos e orações predicativas.

No estágio da seqüencialidade, destacamos a **seqüência descritiva**. Segundo Adam (*op. cit.*: 85-95), a descrição é a seqüência de menor autonomia na composição textual, pois, na maioria das vezes, apóia ou introduz outros tipos de seqüências que a dominam, sobretudo a narrativa. Em comparação à seqüência narrativa, a descritiva dispõe de ordem não-linear, porém, hierárquica, vertical, semelhante a um paradigma lexical. A base do protótipo descritivo prevê quatro procedimentos: a **ancoragem** do tema-título no início da seqüência (caracteriza uma *afetação* quando ocorre no final e, se o tema é retomado, uma *reformulação*); a **aspectualização** é a matriz descritiva pela qual o objeto descrito tem suas *partes* enumeradas e *propriedades* atribuídas; o estabelecimento de **relações** ou analogias em que se aproxima o objeto de outros por meio de *comparação* e *metáfora*; o encaixamento por **subtematização** expande a descrição, pois propriedades ou elementos comparativos podem constituir *subtemas*, por sua vez, decompostos em *subpartes* com atribuição de *subpropriedades*.

Sob tal perspectiva teórica, mantemos o objetivo de identificar a atuação de seqüências descritivas, suas relações com outras seqüências e o efeito do uso anafórico de SN indefinido na descrição. Em termos metodológicos, consideramos desnecessário solicitar autorização dos produtores dos textos para utilizar seus depoimentos como

³De acordo com Adam (*idem*), as demais seqüências prototípicas contam com as seguintes macro-operações: **narrativa** (situação inicial, complicação/desencadeamento 1, (re)ações ou avaliações, resolução/desencadeamento 2, situação final, moral), **argumentativa** (tese anterior + dados ou premissas, inferências ou argumentos, restrição ou contra-argumento, conclusão ou nova tese); **explicativa** (esquemática inicial, questão “por quê ou como”, resposta “porque”, conclusão-avaliação); **dialogal** (seqüência fática de abertura, seqüências transacionais, seqüência fática de fechamento).

⁴No módulo de configuração pragmática, são observados aspectos relativos a: *alvo ilocucional* (coerência dialógica, orientação argumentativa); *ancoragem enunciativa* (localização espaço-temporal da enunciação); *coesão semântica* (dimensão semântico-referencial, caráter ficcional ou não do texto). Já no módulo de sucessão de proposições, interessam a *conectividade* (gramática do texto, dimensão morfossintática, encadeamento de enunciados, demarcações gráficas) e a *seqüencialidade* (estrutura organizada em esquemas seqüenciais prototípicos).

3. Caminhos para o estudo da seqüencialidade de depoimentos do *orkut*

A proposta de Adam (idem) abre amplos caminhos para projetarmos a análise lingüística da textualidade de depoimentos do *orkut*. Da dimensão ampla do **discurso**, para o autor, um “objeto concreto” que resulta de situações específicas sob a incidência de determinações extralingüísticas (sociais, ideológicas), passa-se por diversos níveis até chegar ao **texto**, “objeto abstrato” ou construto da teoria explicativa de sua estrutura composicional, que examinamos sumariamente neste trabalho. Situamos o **domínio discursivo de CMC** na dimensão das interações sociais, os contextos situacionais que delineiam a prática discursiva na dimensão dos gêneros discursivos que, neste caso, estão circunscritos ao domínio de CMC, como e-mail, blog, depoimento do *orkut* etc. Na dimensão dos enunciados, podemos verificar tal espécie de depoimento escrito como exemplar de um enunciado, definido por Adam (ibidem: 15) enquanto “‘texto’ no sentido de objeto material oral ou escrito, objeto empírico, observável e descritível”.

Na dimensão pragmática dos planos de organização textual, o propósito comunicativo sugerido pela pergunta “O que você tem a dizer sobre [amigo]?” garantiria a coerência dialógica dos depoimentos, sendo vinculado ao alvo ilocucional; a enunciação de depoimentos escritos e permeados por traços de oralidade que decorre do caráter da interação assíncrona, realizada à distância através do site *orkut*, desse modo, especifica a ancoragem enunciativa; como a coesão semântica é extensiva ao tema global de um enunciado fictício ou não, neste caso, associamos a tendência temática de projeção de imagem positiva do outro ao universo virtual em que os depoimentos têm origem e circulam.

A dimensão proposicional tem enfoque na próxima subseção, onde analisamos dois exemplares de depoimento do *orkut* a fim de tratar de seqüências descritivas, relações interseqüenciais e efeito da anáfora com SN indefinido na descrição.

3.1. As seqüências descritivas: relacionamento e organização

No texto 2, a condição hierárquica de seqüência dominada, assumida por Adam como propriedade geral da seqüência descritiva, reverte-se em condição dominante, apesar do encaixamento de seqüência explicativa (em itálico) e de seqüência fática de encerramento (em negrito), uma parte prototípica do fechamento de seqüência dialogal.

- (2) **Denise:** O que dizer do Isaac...
Uma pessoa maravilhosa, sempre disposto a lutar por uma sociedade mais justa e humana. Uma pessoa que tem dignidade e respeito. *Quero dizer que torço por você, principalmente porque conheço sua história e ela é linda.* Se tornou um grande amigo e um ótimo conselheiro.
Um super beijão
Denise⁶

A seqüência descritiva do texto 2 é constituída por todos os procedimentos previstos (ancoragem, aspectualização, relação, subtematização). O relacionamento entre as macro-proposições e o resultado de sua organização heterogênea estão representados abaixo no esquema 1.

⁶ Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Profile.aspx?uid=3457100657507016352>



Esquema 1. Organização seqüencial do exemplo 2

A aspectualização (B) não indica partes físicas do elemento descrito, é feita pela frase nominal *Uma pessoa maravilhosa* que opera uma anáfora com SN indefinido, já que este elemento retoma o tema-título ancorado pela expressão nominal definida *o Isaac*, porém, com nova designação. O procedimento de relações (C) estabelece comparação mediante a utilização de uma metáfora que evidencia a disponibilidade e empenho do enunciatário em favor de questões sociais, indicadas pela subtematização da proposição *uma sociedade mais justa e humana*. Essa comparação parece ativar conhecimentos partilhados sobre o enunciatário, para os quais se tem indícios no perfil do receptor do depoimento 2, pois o receptor apresenta-se como assistente social de uma entidade sem fins lucrativos, está vinculado a outros usuários com formação e atuação profissional nessa mesma área, bem como a comunidades do site relacionadas a serviço social, por exemplo, “Serviço Social/Social Work”, “Assistente Social”, “Serviço Social PUCPR” etc.

A estrutura de reformulação D, ocupada pelo SN indefinido *Uma pessoa (...)*, recupera o tema-título no meio da descrição através de outra anáfora com indefinido. Lima (2004) vê esse tipo de anáfora como tematização-remática capaz de operar retomada com recategorização. Essa espécie de reconstrução do objeto-de-discurso pode ser vista pela repetição do nome núcleo do antecedente (*Uma pessoa*) e acréscimo

de novo modificador, a oração relativa *que tem dignidade e respeito*. No final da seqüência descritiva, há outra reformulação F (*Se tornou um grande amigo e um ótimo conselheiro*.) para expressar a avaliação final do objeto, desta vez, retomado por sujeito elíptico. Os dois nominais indefinidos, em coordenação nessa seqüência, ocupam posição predicativa, portanto, descaracteriza a anáfora com indefinido.

A inserção da seqüência explicativa se dá com verbo em primeira pessoa do singular (*Quero*), marcando o direcionamento da voz do enunciador que passa a dialogar diretamente com o enunciatário. Para Adam (*op. cit.*: 134), a seqüência explicativa tem a função pragmática de permitir ao enunciador se apresentar à distância apenas como **testemunha** ou observador objetivo dos fatos. É o que ocorre em 2, já que o produtor apresenta a justificativa para desejar o êxito do amigo (Questão) e, por isso, na resposta, posiciona-se como conhecedor ou testemunha da experiência de vida do enunciatário, esta, porém, concebida de modo subjetivo dado ao acréscimo da predicação *e ela é linda* ao concluir a explicação.

A expressão de despedida *Um super beijão* e a identificação do enunciador *Denise*, ambas empregadas no término do texto 2, podem constituir uma macro-proposição de seqüência fática de encerramento que, ao contrário do esperado, está inserida no final de seqüência descritiva. Este é um tipo de fechamento originário de seqüência dialogal, base estrutural, a princípio, não encontrada em utilização plena no corpus coletado até o momento. A inserção dessa macro-proposição adquire maior compreensão pelas considerações de Adam sobre o caráter conversacional do gênero carta em que

as fórmulas de endereçamento e as saudações finais – que assinalam o gênero com a indicação de localizações espaço-temporais e da identidade dos co-enunciadores – correspondem muito exatamente às seqüências fáticas e o corpo da correspondência às seqüências transacionais. A única diferença resulta, logicamente, do caráter não monológico, mas monogerado desta interação sem intervenção direta de outro. Isto não impede o escritor de introduzir um dialogismo profundo antecipando as questões do outro, por exemplo, imitando suas interrupções potenciais, introduzindo um simulacro de relação intersubjetiva.⁷ (ADAM, *op. cit.*: 155)

Nesse sentido, a presença de tal macro-proposição na base estrutural de um gênero assíncrono pode ser vista como resquício da oralidade que permeia os textos escritos em situação enunciativa à distância como no ambiente interativo do site *orkut*.

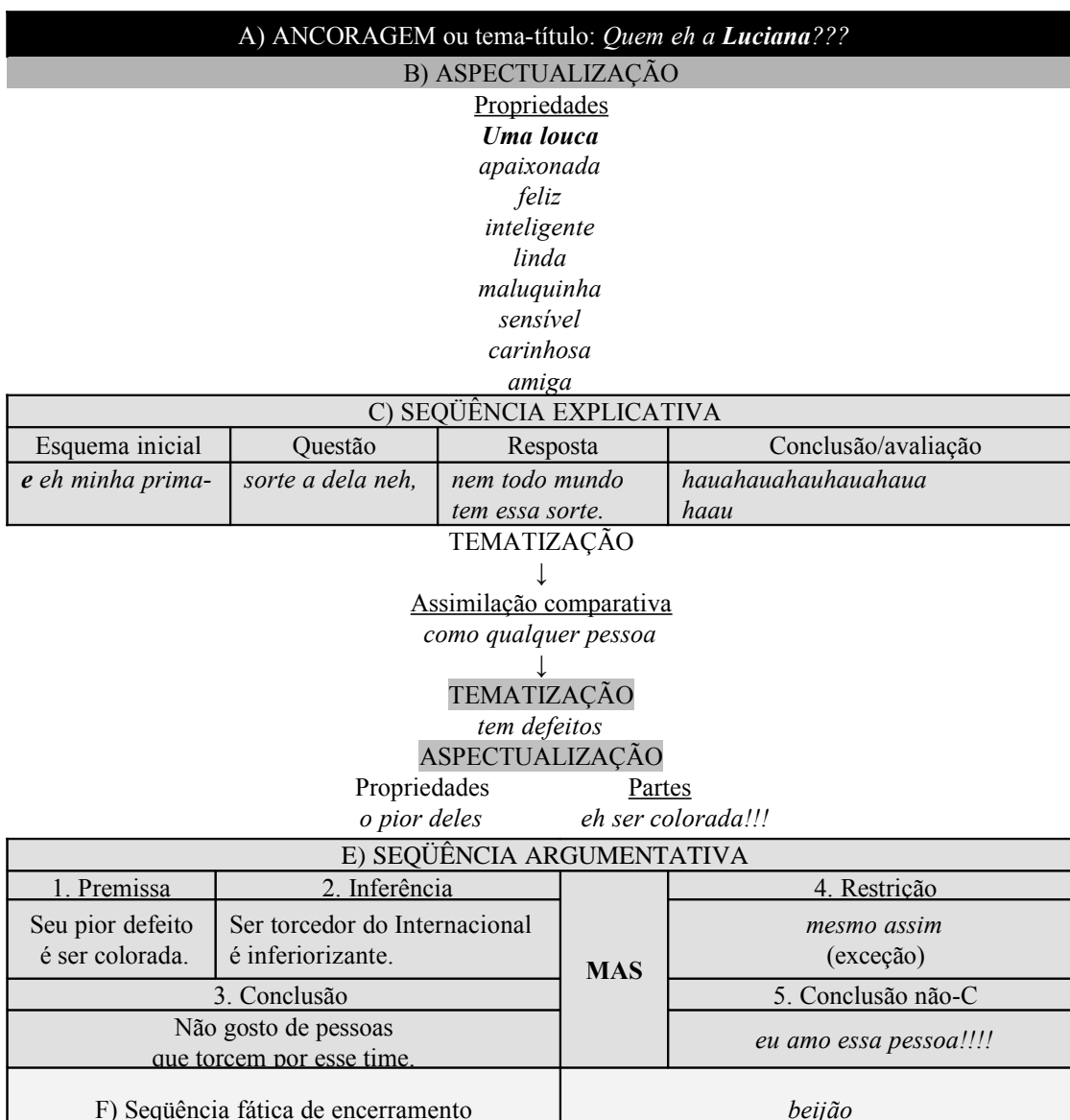
Diferente do exemplo anterior, a seqüência descritiva tem papel secundário no texto 3, pois atua como inseridora de dois tipos de seqüências. A articulação entre a aspectualização da descrição e a seqüência explicativa (em itálico) se dá por meio do conector *e*, enquanto que, entre a subtematização por assimilação comparativa e a

⁷Cf. texto original: “les formules d'adresse et les salutations finales – qui signalent le genre avec l'indication des repères spatio-temporels et de l'identité des coénonciateurs – correspondent très exactement aux séquences phatiques et le corps de la correspondance aux séquences transactionnelles. La seule différence tient, bien sûr, au caractère non pas monologique, mais monogéré de cette interaction sans intervention directe d'autrui. Ceci n'empêche pas le scripteur d'introduire un dialogisme profond en anticipant les questions de l'autre, par exemple, en mimant ses interruptions potentielles, en introduisant un simulacre de relation intersubjective.”

seqüência argumentativa (em negrito), por meio do conector *mas*. Também neste caso, ocorre a inserção de seqüência fática de encerramento (*beijão*).

- (3) **Bruno**: Quem eh a Luciana??? Uma louca, apaixonada, feliz, inteligente, linda, maluquinha, sensível, carinhosa, amiga e *eh minha prima- sorte a dela neh, nem todo mundo tem essa sorte. hauahauhauhauhauhaau* como qualquer pessoa tem defeitos e o pior deles eh ser colorada!!! **mas mesmo assim eu amo essa pessoa!!!!**beijão⁸

Vejamos a organização seqüencial do texto 3, representada no esquema 2:



Esquema 2. Organização seqüencial do exemplo 3

A expressão nominal definida *a Luciana* ancora o tema-título que é seguido de aspectualização (B) em que se enumeram apenas propriedades do objeto-de-discurso, ou seja, este é qualificado por uma lista em que predominam adjetivos valorativos e

⁸ Disponível em: <http://www.orkut.com.br/Profile.aspx?uid=1602350863180352855>

mediante a atenuação de termo que pareceria depreciativo se não fosse selecionado em sua forma diminutiva (*maluquinha*). Como a primeira propriedade listada é expressa através de um nominal introduzido por determinante indefinido que remete ao tema-título, temos evidência do emprego de indefinido anafórico (*Uma louca*) para identificação da enunciatária sob categoria individual, esta que constitui a função do artigo indefinido na interpretação de Cunha Lima (*op. cit.*). Face à falta de desdobramento ou expansão dos aspectos elencados, a aspectualização na forma de listagem de características procede a uma descrição de “grau zero”. (ADAM, *op. cit.*). Tal procedimento é comumente empregado nos depoimentos do *orkut*, há casos em que o produtor organiza as características de modo paradigmático, exemplificado com o excerto a seguir:

- (4) [Diego](#): A mais Bonita;
A mais Inteligente;
A mais Interessante;
A mais Popular;
A mais Legal;
A mais Simpatia;
A mais Carismática;
A mais Correta;
A mais Querida;
A mais Desejada;
Uma Garota que EU AMOOO.⁹

Com a seqüência explicativa (C) inserida por seqüência descritiva em 3, o produtor lança mão de uma informação que, talvez não precisasse ser esclarecida (*e eh minha prima*). Sobre essa funcionalidade da seqüência descritiva, Bronckart (1999: 234) aponta que

quando o agente-produtor considera que um objeto de discurso, embora *incontestável* a seu ver, corre o risco de ser **problemático** (difícil de compreender) para o destinatário, ele tende a desenvolver uma apresentação das propriedades desse objeto em uma seqüência explicativa.

A partir do momento em que a observação do esquema inicial é expandida pela alegação de que ter um laço familiar com esse enunciador representa uma vantagem ou privilégio, constrói-se um efeito de sentido em que a auto-percepção de quem enuncia se reflete na enunciação escrita sobre o outro, relação esta admitida sob a perspectiva do dialogismo constitutivo de Bakhtin (1997).

A estrutura da relação comparativa (D) estabelecida para expor que a enunciatária pertence a uma categoria de indivíduos que se opõe ao conjunto de valores sócio-culturais do enunciador compartilha este conteúdo com a premissa da seqüência argumentativa que é introduzida pela seqüência descritiva. O contraste descrito passa por tematização (*tem defeitos*) e aspectualização (*o pior deles eh ser colorada!!!!*), isto é, recebe detalhamento e ênfase com uso de pontos de exclamação. Parece relevante a exposição desse dado ou argumento que poderia levar à conclusão de que o produtor não teria tanta admiração pela enunciatária, como demonstrado inicialmente na listagem

⁹Disponível em: <http://www.orkut.com.br/ProfileT.aspx?uid=4657755485598893097&na=3&nst=-2&nid=6594903498610484869-65-1206534618-4657755485598893097>.

qualificativa. Contudo, a presença do operador argumentativo *mas* conduz à interpretação contrária, neste caso, reacentuada pelos operadores *mesmo assim*, que carregam consigo a marca semântica da concessão ou exceção feita e conduzem à conclusão *eu amo essa pessoa!!!!*

Para a estruturação de 3, em que se verifica a mescla de seqüências explicativa e argumentativa, Bronckart admite a possibilidade de

o agente-produtor [poder] considerar, às vezes, que o objeto de discurso arrisca-se a ser, ao mesmo tempo, problemático e contestável para o destinatário e, nesse caso, produz um segmento que combina seqüências explicativas e argumentativas. (BRONCKART, *op. cit.*: 235)

4. Considerações finais

A tentativa de aproximação entre a conectividade e a seqüencialidade se mostrou produtiva nos termos desta análise, pois conseguimos “desempacotar” minimamente os conteúdos temáticos organizados pelo conjunto de procedimentos previstos para cada tipo de seqüência, conforme os esquemas propostos. Tivemos como observar que a seleção de indefinidos anafóricos não acontece fortuitamente, pois, nos casos analisados, o emprego coincidiu com os procedimentos de aspectualização (restrita a propriedades designadas por modificadores de teor valorativo) e reformulação (retomadas para evolução do objeto) da seqüência descritiva. Esta é mais uma evidência para sustentar a inclinação do conteúdo temático para a projeção de imagem positiva do outro. A ausência de seqüência dialogal nos depoimentos representa um ponto a revisar. Como partimos da observação de corpus reduzido, ainda seria precipitado afirmar que esse protótipo está fora da base estrutural do gênero textual sob investigação. A estrutura predominante nos gênero depoimento do *orkut* parece ser a seqüência descritiva que pode manter relação dominante com as demais, provavelmente devido à semelhança com a descrição própria do gênero retrato, definido por Adam (*idem*) como a única espécie de descrição autônoma destinada a descrever características morais e físicas de ser animado real ou fictício. Conforme vimos na análise, a descrição tende a contemplar propriedades do objeto descrito ao invés de partes ou características físicas.

5. Referências bibliográficas

ADAM, J. M. **Les textes: types et prototypes**. Paris: Nathan, 1992.

_____. Le texte et ses composantes. **Semen**, 08, Configurations discursives, 1993. Disponível em: <<http://semen.revues.org/document4341.html>>. Acesso em: 04/07/08.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 279-298.

BONINI, A. A noção de seqüência textual na análise pragmático-textual de Jean-Michel Adam. In: MEURER, J. L. et al. (Orgs.) **Gêneros: Teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola, 2005. p. 208-236.

BRONCKART, J. P. **Atividades de linguagem, textos e discursos**. São Paulo: EDUC, 1999.

CUNHA LIMA, M. L. Artigo indefinido e anáfora. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, n. 44, p. 133-141 jan./jun. 2003.

_____. **Indefinido, Anáfora e Construção Textual da Referência**. 231f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2004.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: _____.; XAVIER, A. C. (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 13–67.

MONDADA, L. & DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Orgs.). **Referenciação**. Clássicos da lingüística. v.1. São Paulo: Contexto, 2003. p.17-52.

RECUERO, R. C. Redes sociais na Internet: considerações iniciais. **E-Compós**. Brasília, v. 2, abr. 2005. Disponível em: <http://boston.braslink.com/compos.org.br/e-compos/adm/documentos/abril2005_recuero.pdf>. Acesso em: 22/03/2007.

SILVEIRA, C. E. S. R. **Considerações iniciais em torno de uma caracterização do comportamento do gênero “Depoimento do Orkut”**. Comunicação apresentada no 56º Seminário do Gel. UNESP/UNIP: São José do Rio Preto, 17 jul. 2008a.

_____. **Indefinidos anafóricos e construção de sentido em depoimentos do orkut**. Curitiba: UFPR, 2008b. Inédito.